



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/2286>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

AS MULHERES NOS ANOS DOURADOS: O CINEMA AMERICANO E A CONSTRUÇÃO DE UMA VISUALIDADE FEMININA

Luísa Fávoro Costa Gianotti¹

RESUMO: O artigo, baseado em pesquisa de monografia, trata de uma breve análise de imagens femininas criadas pelo cinema Hollywoodiano nas décadas de 1950 e 1960. Busca traçar uma relação entre Brasil e Estados Unidos, explorando as possibilidades de existência, bem como a criação de estereótipos e modelos de mulheres inventados e distribuídos pelos EUA durante a Guerra Fria.

PALAVRAS-CHAVE: Estrelato feminino. Cinema de estúdio. Imagens femininas.

INTRODUÇÃO

O artigo se baseia na fala realizada no Seminário de Pesquisa e Ensino da Graduação - IFCH (UNICAMP). A apresentação se referiu à monografia na área de Cultura Visual intitulada “AS MULHERES NOS ANOS DOURADOS: O CINEMA AMERICANO E A CONSTRUÇÃO DE UMA VISUALIDADE FEMININA”. O trabalho buscou entender a visualidade criada entre a década de 1950 e primeira metade da década de 1960 pelo cinema hollywoodiano, bem como a exportação desses valores para o público brasileiro. A pesquisa foca exclusivamente em imagens de mulheres, mobilizadas por meio de filmes e de revistas que tratam sobre cinema e a vida das estrelas.

A primeira parte do texto é sobre a invenção e desenvolvimento do *star system*, além das especificidades das estrelas femininas. A segunda parte se refere aos papéis que artistas selecionadas interpretaram em filmes americanos, analisando suas imagens nas telas juntamente às personagens

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: luisafgianotti@gmail.com.

que elas representam. A última parte trata da recepção de tais imagens no Brasil explorando a visualidade e os textos difundidos na revista *O Cruzeiro*, na qual essas atrizes apareciam amplamente.

Esses temas acabam por construir alguns pilares centrais de mulheres urbanas e suburbanas, geralmente ricas e sempre brancas como personagens que fizeram parte da criação de imagens, além de se tornarem um padrão para época que persiste até a atualidade. Os papéis fictícios vividos por atrizes nas telas não são os únicos desempenhados pelas intérpretes, uma vez que elas também atuavam enquanto *personas* que produziam esses modelos e ideais. Dessa forma, a problemática se mostra individual, mas também coletiva, no sentido de colocarem padrões para as demais mulheres. Padrões para além de estéticos, que são essenciais, também de estilo de vida, de comportamento e, em última instância, de existência feminina.

Foram usados como base teórica para o desenvolvimento da pesquisa alguns autores fundamentais para a área de Cultura Visual. Ulpiano Meneses pensa no visual, no visível e na visão. Michael Baxandall trata da descrição das fontes e dos discursos acumulados por elas ao longo do tempo. Svetlana Alpers defende a análise das fontes de forma circunstancial. Jonathan Crary afirma a necessidade de analisar o objeto no tecido social que está inserido. E Alfred Gell declara a possibilidade de agência dos objetos e imagens.

PARTE 1: O *STAR SYSTEM* E A CONSTRUÇÃO DAS ESTRELAS

Buscando aprofundamento nas questões apresentadas, foi necessário um entendimento do fenômeno do cinema norte americano em meados do século XX, o sistema de produção cinematográfica do período e a forma que esse meio lidava com os atores e, especificamente, com as mulheres na indústria. Para isso, foram mobilizados alguns autores que tratam sobre o tema.

Edgar Morin (MORIN, 1961) destrincha as mudanças ocorridas no cinema de estúdio durante a primeira metade do século XX, pontuando as rupturas que aconteceram nas produções cinematográficas ao longo do

tempo. Também explora a criação da imagem da estrela, o lugar social que ela ocupa e a trajetória que ela percorre.

Dialogando com Morin, Cristina Meneguello (MENEGUELLO, 1992) afirma que as estrelas produziam uma imagem para si próprias como um ideal de existência e, ao mesmo tempo, eram colocadas como produtos para consumo. Tudo o que envolve essas artistas tem o potencial de ser vendido e de estar disponível para o público, inclusive seu estilo de vida. A autora corrobora com a ideia que as atrizes de cinema na década de 1950 se assemelham, ainda que em pequenos detalhes, às classes médias que consumiam o conteúdo de revistas dedicadas a compartilhar a vida dos intérpretes de Hollywood.

Roland Barthes (BARTHES, 1957) assim como Morin, ressalta como o matrimônio é um fator importante de conformidade das estrelas ao modelo pequeno burguês. Refletindo sobre a sociedade francesa do mesmo período, o autor afirma que no casamento de um artista de cinema com uma “pessoa comum”, o ator entra na lógica de seu cônjuge e não o contrário, o que satisfaz o arquétipo esperado por essa classe.

A ideia da imagem feminina no cinema clássico americano como objeto de olhar e prazer masculino é desenvolvida por Laura Mulvey (MULVEY, 1989). A autora utiliza a teoria psicanalítica para basear o conceito *male gaze*. O olhar masculino, segundo ela, se define a partir da combinação contrastante do olhar voyeur e da escopofilia para as mulheres nas telas. Além disso, Mulvey considera que os filmes não só foram produzidos a partir desse olhar, mas são recebidos pelo público, considerado sempre masculino, da mesma maneira.

PARTE 2: PAPÉIS FEMININOS EM PRODUÇÕES HOLLYWOODIANAS

Um dos eixos desenvolvidos na pesquisa é das performances das atrizes selecionadas nos filmes que protagonizaram ou que interpretaram papéis marcantes. Assim, pode-se compreender por diversos meios a cultura visual criada a partir do cinema norte-americano em meados do século XX. Foram escolhidas, primeiramente, obras que refletissem não só

o trabalho dessas estrelas em seu auge, mas também como a passagem do tempo em seus corpos afetou suas carreiras e a forma que elas aparecem nas telas.

A partir disso, para uma visão mais abrangente, foram analisadas as principais imagens associadas a esses filmes, uma vez que o objetivo dessa investigação não é entender a fundo o trabalho dessas atrizes, e sim captar como elas eram apresentadas para o público em um sentido amplo. É importante pontuar que não se tratam de arquétipos, pois estes são papéis que podem ser interpretados por qualquer artista, e nesse caso, o foco é na *persona* que envolve cada uma dessas mulheres. Assim, serão expostas algumas obras de forma sucinta.

De Repente, No Último Verão é um filme dramático de 1959 estrelado por Katharine Hepburn e Elizabeth Taylor, dirigido por Joseph L. Mankiewicz e baseado na peça de Tennessee Williams. Nessa obra, as personagens femininas contrastam. Hepburn interpreta uma viúva rica e sem escrúpulos que persegue sua sobrinha pobre e fragilizada vivida por Taylor. A imagem 1 revela que suas figuras são condizentes com suas personalidades, reforçando a ideia passada pela narrativa de uma mulher velha que exibe sua fortuna de maneira antiquada e outra que sofre por suas ações, jovem, bonita e com problemas mentais. O personagem masculino que aparece como figura central na imagem apenas observa a situação entre as duas mulheres.

Em *Janela Indiscreta* (1954) a figura principal feminina aparece de outra maneira. O filme foi dirigido por Alfred Hitchcock, escrito por John Michael Hayes e baseado em um conto de 1942. Grace Kelly aparece nessa obra de forma correspondente a sua figura pública de mulher elegante, refinada e de elite. Na imagem 2 é notável que seu figurino destoava do cenário em que ela se encontra. Ainda assim sua personagem não é apenas fútil, ela se envolve ativamente na resolução do crime que move o enredo do filme. Porém, por mais que sua descrição e imagem a coloquem como uma moça que se importa somente com as aparências, suas atitudes dão a ela o lugar de heroína na história, uma vez que sem ela o mistério não seria solucionado. Kelly interpreta uma personagem que ganha profundidade durante a trama, mas sua superficialidade é reforçada no final do filme, ou

seja, não é permitido que ela ocupe uma outra posição, de inteligência e perspicácia.

Grace Kelly, no início de sua carreira, e Ava Gardner, já veterana, contracenam em *Mogambo* (1953), filme baseado em uma peça de Wilson Collison, no qual as duas disputam a afeição de Clark Gable (Imagem 3). Gardner interpreta a esposa do homem em questão e é uma mulher da noite, enquanto Kelly é casada e faz parte da alta sociedade, mas desenvolve uma relação com Gable. É notável que a mulher séria e elegante se envolve em uma traição, enquanto a personagem sedutora de Gardner se mantém fiel. Existe uma diferença visual relevante entre as duas, mas seus comportamentos não seguem a mesma ideia passada pela caracterização.

A repetição imagética de personagens interpretados por uma mesma atriz em diferentes filmes não é exclusividade de Grace Kelly, que representa papéis visualmente semelhantes em dois filmes aqui apresentados. Essa é uma característica do cinema de estúdio e da construção das *personas*, um dos focos da pesquisa.

PARTE 3: A REVISTA O CRUZEIRO E A VEICULAÇÃO DAS IMAGENS DE ESTRELAS NO BRASIL

A fim de entender a circulação, divulgação e recepção pelo público brasileiro das imagens de estrelas, foram consultadas algumas revistas ilustradas, principalmente *O Cruzeiro*. A publicação circulou entre 1928 e 1975 e foi uma das mais importantes no período estudado. Tratava de assuntos como política, comportamento, esportes, charges, além do cinema e da vida dos astros. Dessa forma, foram selecionadas reportagens que contribuem para a análise da pesquisa.

A revista traz uma reportagem sobre Marilyn Monroe em 1952 (Imagem 4), colocando-a ao lado de Jean Harlow e Rita Hayworth, atrizes de cinema que, segundo a publicação, causaram igual deslumbre no público. As imagens retratadas focam no corpo de Monroe. Ela usa um figurino revelador, está com gesto corporal curvo e posição de costas, além de expressão facial sorridente, o que remete a imagens de *pin-ups*, acentuando a fotografia sexualizada. Na parte superior da página, encontra-se também

uma foto da estrela nua, aparecendo de forma casual e sem censura. A matéria conta com detalhes a trajetória da intérprete, ainda no começo de sua carreira, relatando as tragédias que ela viveu de tal forma que sua aparência física envolve a história, atenuando diversas situações por esse artifício.

O início da carreira de Audrey Hepburn é foco de uma reportagem de 1954 (Imagem 5). A disposição das imagens na página mostra, em primeiro plano, duas fotos da estrela, a primeira de corpo inteiro usando roupas contidas, cabelos presos e a segunda é um retrato no qual a atriz mantém a mesma expressão séria da primeira fotografia. Atrás dessas imagens aparecem diversas fotografias de Hepburn interagindo com outras personalidades em eventos, filmes e peças, e não há uma comparação direta com essas pessoas.

A oposição entre Hepburn e Monroe é evidente nas imagens de publicações com o mesmo tema - a trajetória da artista e sua ascensão ao estrelato. A loira tem seu corpo exposto em diversas fotos, seja remetendo a ideais de *pin up*, ou nua, ao passo que a morena, por mais que esteja com as pernas descobertas em uma das imagens, não tem o corpo como único atributo visual, na medida que, na Imagem 5, chamam atenção a maquiagem, jóias e penteado que está usando, enquanto na primeira reportagem apresentada essas características não são notáveis. Isso não significa que a aparência física de Hepburn é menos importante para a revista, mas sim que essa centralidade é construída de forma diferente de Monroe.

A matéria de 1960 da Imagem 6 coloca três corpos sem cabeça em uma página completa e instiga o leitor a adivinhar a quem pertencem essas figuras, exibindo suas cabeças na página seguinte. A reportagem não só demonstra por meio de imagens, mas também afirma textualmente que seus corpos são o único atributo relevante delas. A escolha de modificar as fotos das atrizes cortando suas cabeças foi uma decisão da revista *O Cruzeiro*, deixando claro o lugar e a importância das estrelas para a publicação. Essa imagem deixa explícita uma violência que a revista dirige a essas mulheres, e por consequência, fala das mulheres no geral.

CONCLUSÃO

Assim, a pesquisa se conclui. As fontes exibidas mostram como as estrelas dos anos dourados representavam dentro e fora das telas estereótipos redutores definidos pela aparência física, que também determinam como a personalidade delas deve ser moldada. Dessa forma, torna-se evidente que essas fontes são carregadas de inegável misoginia, característica que atravessa outros aspectos.

Os papéis vividos por essas estrelas dão dimensão aos ideais que a sociedade norte-americana colocava para as mulheres em totalidade. Desde a exclusão de qualquer pessoa não branca das telas do cinema e páginas de revista, passando pelos padrões de beleza inventados a partir das atrizes nos filmes e a constante desvalorização de sua aparência pelas publicações do período. Apenas a mulher branca burguesa tem lugar visível nessa sociedade e, ainda assim, não aparece em situações muito diversas.

Esse cenário faz parte do projeto político vendido aos países pobres como a melhor forma de existência possível no mundo capitalista. É recebido com entusiasmo suficiente para ocupar diversas páginas de grandes publicações nacionais, que retratam as artistas das produções hollywoodianas de tal forma que revela também o olhar da sociedade brasileira para as mulheres.

REFERÊNCIAS

- ALPERS, Svetlana. *Arte de Descrever: A Arte Holandesa no Século XVII*, A. Edusp, 1999.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza – 11ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BAXANDALL, Michael; PEREIRA, Vera Maria. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. Editora Companhia das Letras, 2006.
- CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: Visão e modernidade no século XIX*; tradução Verrah Chamma; organização Tadeu Capistrano. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- GELL, Alfred. *Arte e agência*. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.
- MENEGUELLO, Cristina et al. *Poeira de estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*, 1992.
- MENESES, Ulpiano T. *Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares*. *Revista brasileira de história*, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MORIN, Edgar. *The Stars: An Account of the Star System in Motion Pictures*. Grove Press, 1961. Translated by Richard Howard. Second Printing
- MULVEY, Laura. *Visual pleasure and narrative cinema*. In: *Visual and other pleasures*. Palgrave Macmillan, London, 1989. p. 14-26.

FONTES PRIMÁRIAS

- DE REPENTE, *No Último Verão*. Direção de Joseph L. Mankiewicz. Produção de Sam Spiegel. Roteiro: Tennessee Williams, Gore Vidal. Estados Unidos, Reino Unido: Horizon Pictures, 1959. Son., Legendado.



JANELA Indiscreta. Direção de Alfred Hitchcock. Produção de Alfred Hitchcock. Roteiro: John Michael Hayes. Estados Unidos: Patron Inc., 1954. Son., color. Legendado.

MOGAMBO. Direção de John Ford. Produção de Sam Zimbalist. Roteiro: John Lee Mahin. Estados Unidos, Reino Unido: Metro-Goldwyn-Mayer, 1953. Son., color.

Revista O Cruzeiro ano 1952 ed. 50 p. 100.

Revista O Cruzeiro ano 1954 ed. 33 p. 26.

Revista O Cruzeiro ano 1960 ed. 46 p. 119.

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 6

